

30
Anos

Ano XXIX - Vol. XXIX - (1): Janeiro/Dezembro - 2025

CIÊNCIA
Geográfica
ISSN Online: 2675-5122 • ISSN-L: 1413-7461
www.agtbauru.org.br


DOI: <https://doi.org/10.18817/26755122.29.1.2025.4182>

RECURSOS ESPACIAIS: A ANTROPOTOPIA EM AÇÃO

SPACE RESOURCES:
ANTHROPOTOPIA IN ACTION

RECURSOS ESPACIALES:
ANTROPOTOPÍA EN ACCIÓN

Carlos Santos¹

 0000-0001-7353-2962
herodoto@unir.br

¹ Professor Titular Aposentado da Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Geografia, onde atuou na área de Geografia Humana. Autor de livros e artigos concernentes à sua área de atuação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7353-2962>. E-mail: herodoto@unir.br.

Artigo recebido em setembro de 2024 e aceito para publicação em abril de 2025.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: A produção de recursos espaciais constitui o objetivo da ação exossomática humana. Visando sua sobrevivência, o elemento humano utiliza tais recursos, ao mesmo tempo busca conseguir manifestar sua integral singularidade na forma de informação exclusiva da qual é portador e, assim, realizar cabalmente seu existir. Tal comportamento do ser humano é inerente à sua condição de ente que se fez humano produzindo artefatos que atuam como potenciadores de sua corporeidade física. Essas construções de artefatos espaciais, a partir de insumos naturais, vão de um simples lugar ao mundo. Porém, essa trajetória do humano no planeta em que surgiu, marcada de início pela adaptação ao contexto ambiental, acabou exacerbando seu comportamento exossomático, tornando-se um agente predador ao exercer o domínio sobre o ambiente planetário como reflexo de relações assimétricas praticadas pela sua heteronomia social. Desse modo, faz-se a crítica a tal situação através de uma proposta discursiva: a Antropotopia.

Palavras-chave: Exossomatismo. Lugaridade. Espacialidade. Humanidade. Antropotopia.

ABSTRACT: The production of space resources constitutes the objective of human exosomatic action. Aiming at its survival, the human element uses such resources, at the same time it seeks to be able to manifest its integral uniqueness in the form of exclusive information of which it is the bearer and, thus, fully realize its existence. Such behavior of the human being is inherent to his condition as an entity that became human, producing artifacts that act as enhancers of his physical corporeality. These constructions of space artifacts, based on natural inputs, go from a simple place to the world. However, this trajectory of the human being on the planet on which it emerged, marked at first by adaptation to the environmental context, ended up exacerbating its exosomatic behavior, becoming a predatory agent by exercising dominance over the planetary environment as a reflection of asymmetrical relations practiced by its social heteronomy. In this way, the criticism of such a situation is made through a discursive proposal: Anthropotopia.

Keywords: Exosomatism. Place. Spatiality. Humanity. Anthropotopia.

RESUMEN: La producción de recursos espaciales constituye el objetivo de la acción exosomática humana. Con el objetivo de su supervivencia, el elemento humano utiliza dichos recursos, al mismo tiempo que busca poder manifestar su singularidad integral en forma de información exclusiva de la que es portador y, así, realizar plenamente su existencia. Tal comportamiento del ser humano es inherente a su condición de entidad que se convirtió en humano, produciendo artefactos que actúan como potenciadores de su corporeidad física. Estas construcciones de artefactos espaciales, basadas en insumos naturales, van desde un simple lugar hasta el mundo. Sin embargo, esta trayectoria del ser humano en el planeta en el que surgió, marcada en un primer momento por la adaptación al contexto ambiental, terminó exacerbando su comportamiento exosomático, convirtiéndose en un agente depredador al ejercer dominio sobre el entorno planetario como reflejo de las relaciones asimétricas practicadas por su heteronomía social. De esta manera, la crítica a tal situación se realiza a través de una propuesta discursiva: Antropotopía.

Palabras clave: Exosomismo. Lugar. Espacialidad. Humanidad. Antropotopía.

INTRODUÇÃO

O que é recurso? Aqui o termo recurso será utilizado no sentido de meio pelo qual se sana uma necessidade. Estendido à natureza/materialidade terá a acepção de algo extraído da mesma através de tecnologias apropriadas. Isto é, recurso será entendido como algo criado socialmente pelo trabalho humano, quiçá sintagmático, quando obtido das reservas naturais de insumos. Portanto, recurso aqui é considerado como um insumo social não disponível como tal na natureza, mas latente em suas reservas, conforme Raffestin (1993). Isto posto, a expressão *recurso espacial* será designada aos construtos espaciais, na forma de objetos, que funcionam como próteses, criados para viabilizar a subsistência humana, visando, oxalá, o seu pleno existir.

Recurso no sentido espacial, na acepção de prótese, nos remete ao conceito de *exossomatismo* (Georgescu-Roenge, 1971), isto é, a condição humana de instrumentalizar insumos naturais para transformá-los em objetos que atuam como extensão da corporeidade humana (Santos, 1986). Então, o tratamento teórico aqui visa explicar o processo imprescindível de produção de recursos espaciais para a espécie humana, cuja humanidade está umbilicalmente atrelada à construção de artefatos, e que, inclusive, depende de tais utensílios para se consolidar e, quiçá, completar sua humanização.

E o artefato mais notável desse enredo é o *tópos*, o lugar, construído coletivamente em um dado *lócus*, local, escolhido em função de sua posição e ambiente favoráveis, além de seu conteúdo em insumos naturais passíveis de ser transformados em recursos. Assim, a lugarização humana vai bem além de um construto geográfico para se configurar em um modo de realização do existir humano, ao ter este a possibilidade de contar com meios que são os recursos espaciais para expressar plenamente sua singularidade informacional, alcançando sua humanidade plena.

Ação exossomática humana se dá diante do manancial de possibilidades abertas pela materialidade mais imediata, que se confunde com a superfície terrestre, a qual se torna a única fonte de recursos, e com que, no jogo dialético de ambientação, os homínídeos puderam construir sua humanização ao se habilitarem progressivamente na produção de artefatos ferramentais. Tais possibilidades de instrumentalização da materialidade são viabilizadas pela espacialidade disponibilizada pela extensão e volume da substância material. Na espacialidade natural surge a dimensão espacial que acompanha a formatação dos objetos: comprimento, largura e altura ou em suas versões como altitude, profundidade, longitude, latitude e congêneres. Dado que há uma dinâmica inerente à materialidade, implicando uma temporalidade natural da qual emerge a dimensão tempo que se entrelaça com a espacial.

Então, os artefatos se apresentam como objetos cronotópicos, isto é, são tetradimensionais: três dimensões espaciais e uma temporal. Na prática, nossa relação é sempre com a espacialidade e não com o espaço em si, como da mesma forma nos relacionamos não com o tempo em si, mas sim com a temporalidade. Desse modo, espaço e tempo são apenas dimensões gêmeas da materialidade/realidade (Szamosi, 1988), ou seja, não existem concretamente na condição de entes autônomos da materialidade. São categorias e não conceitos. Já no que se refere às espacialidades a situação é diferente: a moldagem da materialidade implica uma espacialidade (Santos, 2009, 2011, 2017), ou seja, trata-se de uma construção evidenciada nos artefatos já referidos. E, como arremate, é a espacialidade que revela o espaço e não o contrário; da mesma forma, é a temporalidade que revela o tempo e não o inverso.

Dessa forma, a espacialidade pode ser considerada como conceito porquanto se revela em algo concreto, palpável. Só que enquanto conceito, algo que existe de fato, a espacialidade está sujeita

a mudanças, acompanhando a dinâmica que rege a matéria, por conta das forças fundamentais, embora mantendo-se enquanto tal. Assim, configura-se algo que concilia o *ser* parmênico com o *ser* heraclítico, que se pode expressar pela fórmula heideggeriana (Heidegger, 2012), separando *ser* de *ente*, na qual um *ser* mutante surge, metabolizando as circunstâncias, sob o comando de um *ente* permanente promotor de adaptações. Ou seja, a dinâmica de um *ser* enquanto propriedades/aspectos de um *ente* concreto, ontologicamente definido, isto é, a temporalidade de uma espacialidade ôntica.

ABORDANDO AS ESPACIALIDADES

Portanto, dado que a dimensão espacial não pode ser criada, porquanto ela é inerente à matéria, consideramos a concepção de *produção de espaço* por Lefebvre (2006), uma sedutora expressão que, inclusive, levou a uma legião de seguidores, principalmente na Geografia uspiiana, apenas como sendo uma metáfora, a qual toma como *espaço* um determinado âmbito ou recinto ou ambiente ou lugar, ou seja, onde se realize alguma atividade ou evento. Enfim, trata-se da morfologia social, a qual se refere Lefebvre, que, a partir de uma estrutura institucional funcional, se expressa espacialmente, constituindo uma espacialidade. Em suma, claro que a morfologia social implica uma configuração espacial, porém espaço configurado não é espaço produzido, é algo já existente, enquanto dimensão, e que é moldado.

Ora, tal maleabilidade espacial é que permite a realização da morfologia social, balizando a sua consecução, como nas *rugosidades* conceituadas por Milton Santos (1978). Agora, na verdade, o termo produção nos enseja a considerar que, na discussão sobre o imperativo espacial, a meta é analisar e explicar a produção de recursos espaciais, que são, enfim, as espacialidades. Assim, a espacialidade é que pode ser produzida na proporção em que se molda a matéria ao transformá-la em objetos (Santos, 2017). Produção que pode ser vista pela ótica marxista: trabalho humano.

ESPACIALIDADES: ARTEFATOS CRONOTÓPICOS

Definitivamente, a espacialidade é a forma expressando uma estrutura que obedece à função ali alocada – é, portanto, o todo configurado de um construto/cronotopo/artefato/objeto/extenso/prótese/recurso. É o que Milton Santos (1984, 1996) chama de “forma-conteúdo” e que depois ampliou para um formatado contexto (tipo meio-ambiente, sendo ambiente um recorte do meio), denominado de “espaço”, um arranjo pretensamente dialetizado de sistema de ações *versus* sistema de objetos. (Concepção de inspiração fortemente lefebvriana.) Ocorre que essa concepção implica uma tautologia: os objetos são veículos da ação humana, isto é, são ações em curso que competem com outras ações se impondo, se compondo ou se anulando. Ou a abordagem feita por Werllen (1993), que propõe uma *Geografia da ação*. Abordagem que tem um viés assaz sociologizante, anulando o fundamento espacial. No caso presente, propomos a abordagem de uma ação específica como base do que chamamos de *antropotopia*, isto é, a ação *exossomática humana*. Inclusive na sua dimensão técnica, como quer Milton Santos (1998) ao discutir o meio-técnico científico-informacional, ecoando a abordagem desse campo por nomes de vulto, expoentes da sociologia, da antropologia e da filosofia, atestando a importância crucial da tecnicidade na expressão humana. Afinal, a técnica resulta do aprendizado da ação exossomática no curso de seu exercício.

Em tempo, a cronotopia das espacialidades, face a dinamicidade imanente a elas, impõe, além da temporalidade inerente ao período de utilidade das mesmas, também a temporalidade necessária para

se entender o funcionamento delas, como no caso dos sistemas peritos (Giddens, 1991). Ou seja, não ter o domínio pleno do funcionamento dos objetos nos deixa a mercê deles. O que pode ser estendido a um conjunto de espacialidades, isto é, à complexidade do contexto que elas formatam. Dado que há uma sintaxe, uma gramática ou uma semiologia, regendo a conectividade dos elementos desse sistema. Como, por exemplo, na concepção de *espaço relacional* por Harvey (1980). Então, ler semelhante texto espacial requer uma certa temporalidade para a decodificação da informação, o que é crucial para a acessibilidade a tais recursos. Portanto, recolocamos a questão suscitada em Carlos Santos (2009): “*Que espacialidades me servem na medida que possam produzir as temporalidades que preciso?*”

Por outro lado, a espacialidade enquanto recurso, ou um complexo de recursos, corresponderia ao que Milton Santos (1994) chama de *território usado*. Ou seja, o uso do território em diferentes etapas do processo histórico, abrindo a possibilidade de planejamento.

ABORDANDO O LUGAR

Enfim, a produção de uma dada espacialidade, a partir da alocação da função de ocupação/uso a um local, torna-a um lugar. Desse modo, o ato de ocupar, enfim, de estabelecer um uso específico de um dado local, formata um ambiente exclusivo que é o lugar – a espacialidade básica que, obviamente, possui uma temporalidade própria (Santos, 2009). Portanto, o lugar, ao surgir da produção de uma espacialidade especial e exclusiva em um local, torna-se a premissa maior do discurso antropotópico. Embora, é claro, reconhecendo que se pode determinar locais no âmbito do lugar, os quais podem ensejar *sublugares*, isto é, lugares públicos, lugares privados, lugares íntimos. O lugar, portanto, é o artefato mor, o instrumento, a ferramenta pela qual o humano busca sobreviver na meta do pleno existir. Desse modo, o enfoque aqui é sobre a origem do lugar enquanto espacialidade produzida para funcionar como complexo de recursos espaciais. Lembrando que há várias correntes de abordagem do lugar: filo fenomenológica, humanística afetiva, cultural perceptiva, vivência ambiental, radical crítica, e outras. Além disso, é preciso reconhecer que, no caso do lugar geográfico, todos os conceitos e categorias utilizados pelo discurso geográfico são inerentes ao lugar: paisagem (aspectos), território (delimitação), população (agente), região (abrangência) e congêneres.

NÃO HÁ ESPAÇO A SER OCUPADO

É mister ressaltar que ocupar um local não significa ocupar um espaço. Dado que espaço é uma dimensão, este não existe concretamente, no sentido ontológico. Ou seja, seria uma categoria. Pois aqui, conforme discutido acima, consideramos *conceito* como se referindo ao ente concreto, isto é, como a concepção de algo de fato existente, enquanto que entendemos *categoria* em referência às propriedades ou atributos deste ente. O que ocorre é a agregação da materialidade humana à substância do local. Podemos exemplificar fazendo a analogia de um aquário onde os peixinhos vão o tempo todo agregando as suas corporeidades à substância líquida ambiente. No caso humano, trata-se de um ambiente de gases e de outros materiais à cujas massas agregamos nossos corpos.

CRÍTICA AO EXOSSOMATISMO

A produção do lugar evidencia o poder humano de dominação da materialidade, dada a sua condição de ente exossomático. (Condição em que o exossomatismo humano exprime a tese foucaultiana de que o poder emana da assimetria das relações.) O fato de ser um animal racional mostra o caráter que o ato de racionalidade possui: a capacidade de instrumentalizar. O processo de instrumentalização humana abrange tanto a materialidade que chamamos de natureza quanto o contexto sócio humano. A realidade humano-social é marcada por uma sistemática hierarquização, ou seja, uma situação de cabal heteronomia (Castoriadis, 1982). Um mundo imaginariamente instituído, onde esquemas de dominação são criados ao sabor de correlações de forças de poder político-econômico (modos de produção). O humano enquanto um animal político engendra táticas e estratégias para exercer a dominação. Como já referido, a maior prova desse poder de domínio está na construção, a partir de insumos do planeta, da espacialidade mais sofisticada: o mundo.

O que significa que, face aos problemas ambientais em decorrência da ação humana (resíduos, poluentes e contaminantes que afetam tanto o ambiente quanto a atmosfera terrestre, provocando alterações climáticas que resultam em eventos como secas e inundações intensas e com maior frequência), não se trata de salvar o planeta, como ecoa o grito ecológico. O planeta existe há cerca de cinco bilhões de anos e continuará por outros tantos, já o mundo é uma construção a partir do imaginário humano. O que nos ameaça é o mundo estar marcado pela cultura do individualismo e pelas práticas de predação socioambiental. Por ser um evento natural o planeta não pode ser refeito pelos humanos, mas o mundo comporta ser reconstruído dado que é produto da ação humana. Afinal, o planeta não precisa de nós, ao contrário, nós é que precisamos dele. A questão é que o humano (*anthropos*) surge por um processo de adaptação às condições ambientais do planeta, dentro da sistemática de seleção natural que privilegia o mais apto, isto é, o mais adaptado, conforme Darwin e Wallace (Dawkins, 2009). Mas o processo de exossomatismo o leva a práticas de predação, como já mencionado, que se dão tanto com o meio ambiente (dilapidação do patrimônio natural) quanto em relação ao âmbito social (exploração e exclusão). Assim, apesar de ser esculpido pela adaptabilidade às condições ambientais do planeta onde surgiu, o humano tornou-se um ente predador.

Por outro lado, lembrando mais uma vez, a única fonte de recursos que o ser humano pode contar é a natureza/materialidade. E recurso, como já mencionado, é o que a ação humana imbuída de técnica extrai dos insumos naturais (Raffestin, 1993). Na medida em que a natureza é um estoque de insumos, as matérias-primas utilizadas na produção dos recursos são reservas que possuem uma finitude, podem acabar. E só há uma natureza, isto é, um estoque não renovável dado que não há outro planeta como o nosso. Fato que enseja, por exemplo, tanto uma abordagem econômica por meio de uma nova economia político-ecológica quanto o reconhecimento de algo como um *imperativo ambiental*. Só que, como sugere o norteamento da discussão aqui, o foco deve estar no agente e não no ambiente.

O fascinante é que a mesma tecnologia que cria uma situação de ameaça à presença humana no planeta, pelos impactos nocivos, é a mesma que pode sanar esses males tornando-o quiçá um paraíso, algo que pode ser concretizado pelo domínio da fusão nuclear, por exemplo, – que, inclusive, ao criar uma situação de abundância pode secundarizar o dinheiro. Desde que, evidentemente, se produza tecnologias simbióticas, porquanto o comportamento exossomático sendo inerente à condição humana, portanto inato e de manifestação imperiosa, ele não pode ser extirpado, mas pode ser redirecionado.

DOMANDO O EXOSSOMATISMO?

Em suma, como controlar a predação humana? Em qualquer forma em que o capitalismo é exercido implica predação. O processo de modernização sempre impactou o meio ambiente a ponto de haver o problema do aquecimento global. Pois o capitalismo exponencia exatamente a condição exossomática humana. Daí a criação do conceito de *pegada ecológica* (footprint) por Wackernagel e Rees, em 1990, que é a aferição do quanto cada um de nós impacta o planeta. Nota-se que há o limite ecológico: não é possível o crescimento econômico exponencial e infinito com base em reservas finitas de insumos naturais. Desse modo, podemos inferir que há um imperativo ecológico a ser considerado. Estamos diante do surgimento, nos moldes de Kuhn (1962), de um novo referencial: o Paradigma Ecológico.

Há uma questão subterrânea ao comportamento exossomático humano. O humano é uma forma da materialidade/natureza tomar consciência dela mesma (Reclus, 1985) – precisamente por meio da natureza humana. Ao dispor da natureza, enquanto um reflexo dela, o humano estaria expandindo-a? Ou seja, a natureza humana tem a função de desdobrar em novas dimensões a natureza-natural?

Diante do desafio do avanço científico, com a edição de genes pela engenharia genética, a nanoengenharia e a racionalidade artificial, conquistas científico-tecnológicas entre tantas outras, que podem levar ao descarte do próprio ser humano, pela sua substituição por algoritmos-robôs auto programáveis, estaria a natureza nos induzindo a passar o bastão a formas auto racionais mais eficazes? Segundo Harari (2017), a partir do momento em que a racionalidade artificial for mais eficiente que a racionalidade humana, então toda a humanidade poderá se tornar inútil, supérflua, descartável. A “ditadura do gene”, que segundo Dawkins (2007) teria guiado a trajetória biológica na Terra, estaria sendo suplantada pelo autoritarismo do algoritmo eletrônico.

Talvez, para nosso consolo, poderíamos lembrar que o ato de inteligência envolve emoção, no sentido de que o agir inteligente é uma ação orgânica, posto que o ato racional é um proceder mecânico. Isto é, poderíamos dizer que o ato mental inteligente seria um composto de razão e emoção que pode ser definido pelo termo *intelecção*. Quer dizer, a racionalidade por ser mecânica pode se tornar artificial, mas não a inteligência, face à organicidade de sua complexidade. Haverá esse limite? Embora tenhamos que constatar que o ato inteligente é sempre um ato instrumentalizador/dominador, daí o perigo das possíveis inteligências alienígenas. Afinal, trata-se do fundamento do exossomatismo humano, no caso.

Por outro lado, é inegável que *ser humano* ainda é uma meta – neste sentido, segundo cientistas da área da genética, ainda compartilhamos 98,8% de genes com os chimpanzés (fato que as correntes religiosas deveriam levar em conta). A produção de recursos e o acesso a estes deveria ser um meio do ente humano alcançar plenamente a sua humanidade. Lograremos êxito?

ANTROPOTOPIA: PARA ALÉM DAS GEOGRAFICIDADES

Como já discutido, a moldagem da materialidade planetária à imagem e semelhança humana resulta na prótese mais sofisticada de todas: o próprio mundo. Então, a lugarização do local planeta produz o lugar mundo. E surge, por consequência, as perguntas: qual o lugar do humano no lugar-mundo? É o mundo um lugar do humano para o humano do lugar? Ter um lugar e ser de um lugar é crucial, equivalente a estar no mundo sendo do mundo e reproduzindo o mundo, implicando o aprendizado de como se situar nas diferentes escalas em jogo: a casa, a rua, a cidade, o país, o mundo. Agora, a lugarização vai além

do seu âmbito geográfico: deve ser uma ferramenta de expressão cabal do ente humano individual em sua singularidade. Ou seja, a dimensão espacial facultada pela espacialidade natural da materialidade abre a possibilidade de manipulação da mesma na moldagem de artefatos, constituindo um processo que podemos chamar de *antropotopia* (Santos, 2009, 2011, 2017, 2021, 2024). Este conceito, como já mencionado, define a transformação de um local em um lugar – do *locus* ao *tópos*.

LUGAR: O CERNE DA ANTROPOTOPIA

Lugar – que deve ser o âmbito de resolução das necessidades básicas como moradia, circulação, provisão, educação, saúde e renda. Então, lugar enseja a lugarização dos indivíduos, buscando, ao afirmar suas individualidades, a expressão plena de suas singularidades, que implicam informações exclusivas, que manifestam suas visões de mundo e que, pedagogicamente elaboradas, deveriam ser meio de inserção social. Então, a antropotopia ao focar no processo de lugarização humana, a partir de um dado local, de modo que, no limite, se tem do local-planeta ao lugar-mundo, revela o seu objeto de análise: a produção de recursos espaciais, os quais, configurados na complexa tessitura do também recurso lugar, são os instrumentos que se tornam imperativos em sua imprescindibilidade para o sobreviver visando o existir do ente humano.

A premissa que fundamenta o processo antropotópico é a ação exossomática humana, a qual se torna imprescindível, por ser inerente à condição humana, posto que o expressar humano é condicionado pelo imperativo espacial, na medida em que qualquer linguagem que o indivíduo humano use exige uma instrumentalização da espacialidade da substância da realidade. Daí advém uma panóplia de artefatos (simbólicos e materiais) que atuam como extensões do seu corpo (Santos, 1986). Portanto, explorando a dimensão espacial da materialidade, o ente humano se expressa em uma parafernália de próteses.

Desse modo, a referida dimensão espacial da materialidade é aqui considerada como algo universal. Isto é, vai além do que se considera geográfico, abandonando a conotação telúrica deste termo, ou seja, superando as chamadas geograficidades, para se tornar referente à toda e qualquer materialidade existente, transcendendo, inclusive, o âmbito de nosso planeta, face as explorações do contexto cósmico (onde todas as possibilidades estão latentes). Em suma, em tempos de desvendamento quântico do real cabe, com mais propriedade, a discussão da relação entre sociedade e realidade/materialidade do que a desgastada abordagem sociedade *versus* natureza. Dado que a ebulição da espacialidade do tecido social se assemelha à efervescência da tessitura quântica da realidade (Greene, 2001, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acima é um esforço para demonstrar a produção de recursos espaciais como objeto de um discurso que denominamos de Antropotopia, focando o pensamento espacial, na medida em que a expressão humana depende imprescindivelmente de espacializar-se em sua manifestação, formatando artefatos que atuam na função de próteses, genuínos extensos da corporeidade humana; porém, ao mesmo tempo fazendo uma crítica da exacerbação que esse comportamento tem promovido em termos de impactos nocivos ao ambiente terrestre.

Processo que, a princípio, parte de um dado local da imediatez terrestre transformando-o em lugar. Tal lugarização visa não apenas o estabelecimento humano localizado, mas também o desenvolvimento da sua humanidade via acesso aos recursos espaciais presentes na complexidade da tessitura do lugar. Para tanto, precisa de um letramento para decifrar a textualidade espacial do lugar nas escalas que vão desde o âmbito mais familiar ao mais desconhecido. Percurso onde progressivamente, numa escala cartográfica, há a diminuição do poder decisório dos indivíduos.

Por fim, há que se considerar que a expressão espacial, por conta da ação exossomática humana em produzir construtos que lhe servem de recurso, transitou de uma situação de adaptação para uma de predação, ao refinar e aumentar seu poder de intervenção não simbiótica na materialidade do planeta, a ponto de subverter os ecossistemas naturais, colocando em risco não só as demais espécies que habitam o planeta como também o próprio gênero humano. Ou seja, a produção de recursos espaciais na forma de espacialidades/artefatos, no processo de lugarização do planeta, gerou um mundo que, ao refletir as assimetrias sociais, tornou-se um ambiente ameaçador. Então, a discussão que a Antropotopia levanta é sobre a necessidade de se buscar relações sociais simétricas tais que não reverberem de modo nocivo sobre o planeta a ponto de inviabilizar ambientalmente a vida em seu âmbito. Para tanto, é imprescindível que a marcha para a plena humanidade da espécie humana seja acelerada pelo acesso irrestrito aos recursos espaciais produzidos de modo sintópico, isto é, ecologicamente concebidos.

Em suma, a discussão acima visa, enquanto crítica ao caráter telúrico do discurso geográfico, promover uma abordagem eminentemente social para a problemática geográfica, enveredando pelo que chamamos de antropotopia, ou seja, o processo de lugarização humana do planeta. Desse modo, busca-se analisar o modo como a lógica das relações sociais que engendrou a atual tessitura social formatou um lugar-mundo tão ameaçador capaz de inviabilizar a cabal maturação do ser humano enquanto tal. Trata-se, portanto, e a nosso ver, de uma temática que extrapola o âmbito da discussão geográfica, interfaciando todo o espectro das demais ciências sociais.

REFERÊNCIAS

- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução: na trilha dos nossos ancestrais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **The Entropy Law and the Process Economic**. Harvard University Press: 1971.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo-SP: UNESP, 1991.
- GREENE, Bryan. **O Universo elegante**. Supercordas, dimensões ocultas e a busca de uma teoria definitiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GREENE, Bryan. **O tecido do Cosmo**. O espaço, o tempo e a textura da realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HARARI, Yuval. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- HARVEY, David. A Natureza do Espaço. In: **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

- KUHN, Thomas. **The structure of scientific revolutions**. Chicago University Press, 1962.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RECLUS, Elisée. O homem e a terra. In: **Elisée Reclus**. ANDRADE, M. C. de (Org). São Paulo: Ed. Ática, 1985. (Col. Grandes Cientistas Sociais.)
- SANTOS, Carlos. O Conceito de Extenso: a construção ideológica do espaço geográfico. In: SANTOS, M. & SOUZA, M. A. de. **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Carlos. **A espacialidade humana: teorizando o futuro** – Que espacialidades me servem e podem produzir as temporalidades que preciso? São Carlos-SP: Pedro e João Editores, 2009.
- SANTOS, Carlos. **Da Geografia à Antropotopia**: quando o Planeta se tornou Mundo. Porto Velho: EDUFRO, 2011.
- SANTOS, Carlos. **As Espacialidades Humanas**: uma Antropotopia? São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2017.
- SANTOS, Carlos. **Antropotopia**: a lugarização humana do planeta: a produção do mundo. Chisinau-Moldávia: Novas Edições Acadêmicas, 2021.
- SANTOS, Carlos. **Antropotopia**: Para além do discurso geográfico. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2024.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Nova Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1984.
- SANTOS, Milton. **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SZAMOSI, Géza. **Tempo e espaço**: as dimensões gêmeas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- WERLLEN, Benno. **Society, Action and Space**: An Alternative Human Geography. London: Routledge, 1993.